

Entretanto, em todo tempo,
E' a sua fôrça que encerra
O amparo caricioso
Aos vales de toda a Terra.

Sem sua dureza agreste,
Repleta de solidão,
As planícies morreriam
Por falta de proteção.

E' ela a mãe silenciosa
Da energia que produz;
No seu cume nunca ha sombras,
Seu dia inteiro é de luz.

No mundo, as almas do amor,
Mais sábias, mais elevadas,
São montanhas que parecem
Estéreis e desprezadas.

*

Todavia, é o sacrifício
De sua desolação,
Que sustenta em toda a vida
Os vales da evolução.

O CUPIM

Causa pena olhar o campo
Quando, pobre de verdura,
Sofre a terra a intromissão
Do capim que a desfigura.

Debalde, a vegetação
Estende-se em ramaria,
O solo não apresenta
A mesma fisionomia.

O cupim obstinado
Multiplica-se em rebentos,
Parece que o chão se cobre
De tumores pustulentos.

Em vão, a chuva convida
A's fôrças de produção,
Debalde o sól trás a luz
De paz e renovação.

Não faltam bençãos do céu
Que atendem aos dons da vida,
Mas a terra permanece
Desolada e ressequida.

O cupim vai provocando
Estrago, calamidade,
E o campo só mostra ruínas,
Miséria, esterilidade.

A's vezes são necessários
Muito esforço, muitas dores,
Por expulsar a família
Dos insetos invasores.

Sem trabalhos decididos
Por parte da agricultura,
O cupim transforma a terra
Numa extensa sepultura.

Lembramos, vendo esse quadro
Da esfera dos lavradores,
As almas avassaladas
De idéias inferiores.

Sê forte em qualquer trabalho,
Cada luta é uma lição.
Tristezas e desalentos
São cupins no coração.

A EROSÃO

Quem busca na paz do campo
Os bens da contemplação,
Costuma encontrar por vezes,
As surpresas da erosão.

Dos ácumos da paisagem,
Eis que a visão descortina
Horizontes luminosos
Na vastidão peregrina!

Em tórno rebentam flores
Nas folhagens perfumosas,
Entre as árvores e os ninhos
Sopram brisas buliçosas.

Misturando-se á verdura,
Ha caminhos de enxurrada,
Formando abismos escuros
Na terra dilacerada.

Em derredor, tudo é glória
Do campo verde e florido;
Céu de anil, promessa e luz,
Mas o solo está ferido.